

# PLATÃO COMO SEMENTE DE UMA SOCIEDADE MÍTICA

## MITO & INTERTEXTUALIDADE<sup>1</sup>

Vanessa Marques<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho, resultado de pesquisa no projeto de iniciação científica, apresenta Platão como fruto de uma sociedade mítica e fonte de intertextualidade. Para tanto, será realizada uma análise dos mitos de Platão e simultaneamente serão identificados e comentados os relacionamentos entre esses textos e outros filosóficos, espirituais, literários, além de músicas e produções cinematográficas. O dualismo plágio & intertextualidade, mito & realidade, também estará presente nesta análise.

**Palavras-chave:** Mito grego. Mito & sociedade. Platão: filosofia & intertextualidade. Atlântida & espiritismo.

**Abstract:** This paper is the product of a research in the scientific project initiation, presenting Plato as a result of a mythic society and as a source of intertextuality. In order to do that an analysis of Plato's myth will be performed and the relations between these texts and other of philosophy, spirituality, literature, music and movies will be simultaneously commented and identified. The dualism plagiarism & intertextuality, myth & reality, will be also in this analysis.

**Key words:** Greek myth. Myth & society. Plato: philosophy & intertextuality. Atlantis & spiritism.

Os mitos constituem a linguagem primordial da cultura.(CRIPPA, 1975, p. 101).

Os mitos clássicos são abordados neste trabalho por meio da mitologia grega. Platão, filósofo grego, “renegou” o mito, porém não conseguiu abolir a semente mítica de dentro de seu ser.

O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada em perspectivas múltiplas e complementares. (ELIADE, 1963, p. 12)

---

<sup>1</sup> Texto elaborado a partir de um Projeto de Iniciação Científica (PIC) sob supervisão da Profª Ms. Virgínia Maria Antunes de Jesus.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Letras, Tradutores e Intérpretes.

Assim como afirma Eliade, as múltiplas leituras relacionadas ao mito estão presentes em todas as sociedades. Com muitos dos mitos de Platão ocorreu a mesma cadeia de reinterpretação que os fez se tornarem produto de intertextualidade. Um deles é o mito da Atlântida, que revela a submersão de uma cidade inteira.

A Atlântida foi abordada em diferentes tipos de textos, e cada texto defende um aspecto. Um deles é a realidade mitológica; outro, não menos interessante, é a utopia do mito.

Por meio de especulações filosóficas e espirituais, apresentamos o despertar do mito.

## **O DESPERTAR DO MITO**

O mito parte muitas vezes da realidade, que, entretanto, o modifica por meio da imaginação.

No passado, a diferença entre a narrativa histórica e a mítica não era considerada importante, e mesmo na atualidade a definição de mito é complexa, por abranger diversos contextos, por exemplo: Madonna e Atlântida são mitos: o primeiro é moderno, e o segundo é da Antiguidade. Neste trabalho, só abordaremos mitos clássicos.

Os mitos foram interpretados e analisados diversas vezes de diferentes formas, e mesmo com sua improvável localização no tempo são motivo de permanentes pesquisas e estudos. Luiz Daniel Izpigua acredita que a literatura tem um papel importantíssimo na formação de mitos, transformando-os em uma forma de viver o real.<sup>3</sup>

Freud interpretou o mito de Édipo e criou alguns mitos que permaneceram, como os presentes na psicanálise de Carl Gustav Jung, conhecida como psicologia analítica ou

---

<sup>3</sup>“Como es bien sabido, la literatura há sido a lo largo de los siglos una gran creadora y transmissora de mitos”, “... El mito literário, por el contrario, es por su naturaleza, um mito antiguo, em cuanto que sería una figura del ser, uma forma de vivir lo real, de estar em la realidad” (IZPIGUA, p.71-76).

junguiana. Segundo ele, os mitos estão em uma região da mente humana: o inconsciente coletivo.

O pensamento mítico não especula a ciência ou mesmo a razão; ele é apenas existencial, como é possível ver nesse antigo dito popular da língua espanhola: “Não acredito em bruxas, mas que existem, existem”.<sup>4</sup>

## MITO GREGO

A mitologia grega exerce uma forte influência na literatura mundial, perpetuando-se, multiplicando-se, interagindo e dialogando com diversos textos.

A Mitologia Grega é um “intertexto”, porque se constitui de todas as representações de mitos já experimentadas ... cada nova representação ganha seu sentido a partir de como está posicionada em relação a esta totalidade de apresentações prévias. (DOWDEN, 1994, p. 19-20)

A literatura grega permaneceu oral durante muito tempo. Somente com os mitógrafos Férecides, em Atenas, e Acusilau, em Argos, no ano de 500 a.C, o verso se transforma em prosa.

Além dos mitógrafos, os genealistas do mito também exerceram papéis muito importantes dentro da conservação dessa identidade nacional que é “o mito”. Eles mapearam e estabeleceram relações entre nomes, pessoas e lugares, atribuindo-lhes suas respectivas posições.

---

<sup>4</sup> “Yo no creo en las brujas pero que las hay, hay.”

O mito grego apresenta como uma de suas principais características o fatalismo, evitando, na maioria das vezes, finais felizes. Quando tudo está perfeito, sempre algo de ruim acontece para que o final seja trágico.

A mitologia geralmente é fabulosa. Apresenta animais compostos de partes do corpo humano, como a esfinge que foi derrotada por Édipo. No entanto, por criar realidades utópicas, torna-se difícil distinguir o mito da realidade. Dowden (1994, p. 18) considera todas as narrativas gregas não históricas mitos; por outro lado, o mito tem sua própria história dentro da sociedade que o projeta.

## MITO REFLEXO DA SOCIEDADE

*O que importa não é a mentalidade primitiva do homem primitivo, mas a mentalidade primitiva do homem moderno (...) Criar um novo tipo de homem a partir de um novo mito de vida, eis a tarefa de nosso século. (POLITZER, 1978. p. 107 e 109)*

O mito é um enigma com múltiplos sentidos, uma herança nacional que nasce da ideologia de um povo que pensa, teme, deseja e sonha voar mais alto. Estudando-o, conheceremos melhor a sociedade que o criou e descobriremos suas contradições, dúvidas e inquietações. O mito é um espelho que reflete a imagem e os pensamentos de uma sociedade através de suas crenças.

A visão de mundo que cada comunidade lingüística (sociedade) conserva é que determina, “dita” o comportamento do grupo. Dizemos que “um fato é bom ou ruim dependendo de um ponto de vista” em razão das várias visões do objeto.



Se olharmos um dado de frente, veremos somente as características destacadas naquele ponto de vista (frontal); se o olharmos de lado, teremos acesso a outras características; e, se pudermos vê-lo de cima, o ponto de vista também muda (a visão é

diferenciada dos outros aspectos), e é dessa maneira que a sociedade destaca sua visão de mundo em relação ao objeto, abstraindo o que considera importante e colocando o restante de lado.



Um dado colorido daria uma visão diferenciada para cada comunidade (grupo social) que o enxergasse de um ângulo; além disso, se essas comunidades lingüísticas se encontrassem e comesçassem a discorrer sobre o mesmo dado, observaríamos que cada uma delas destacaria as características abstraídas de sua perspectiva. Por conseguinte, não poderíamos afirmar que estão falando do mesmo dado; pelo contrário, cada descrição formaria uma imagem de um dado diferente.

Se o dado não fosse colorido, se fosse exatamente o mesmo, cada comunidade abstrairia questões que considera importantes e esse grau de importância é diferente em cada grupo social; dessa forma, poderíamos ter descrições parecidas que nos levariam ao mesmo objeto ou descrições diferentes que nos levariam a um outro objeto.

Laraia (2202, p. 67) trabalha a cultura condicionada à visão de mundo do homem. Ele compara a visão de um homem “desprovido” de um razoável conhecimento em botânica em relação à Amazônia e a visão de um índio em relação ao mesmo objeto. O primeiro vê a floresta como um amontoado confuso de folhas verdes, e o segundo vê em cada um desses vegetais um significado qualitativo.

Laraia também nos revela que o homossexual pode ser depreciado em uma cultura e apreciado em outra, como em algumas tribos das planícies norte-americanas, que o considera “um ser dotado de propriedades mágicas”.

Se o homem vê o mundo através de sua cultura, ele refletirá sua “visão de mundo” em suas produções culturais. Analisando o mito como uma de suas produções culturais,

conseguiremos abstrair diversas características da sociedade que o criou. Isso pode ser ratificado pela afirmação de Nietzsche (1992, p. 135):

sem o mito, porém, toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: Só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural.

A leitura do mito é a leitura do povo que o alimenta e como o homem vê o mundo através de sua cultura. Com o filósofo grego Aristócles, não foi diferente.

## QUEM FOI ARISTÓCLES?

Aristócles não foi o nome que ficou na história, porém foi o nome recebido por Platão em homenagem a seu avô. Em grego, *Platón*, chamado assim por causa de seus ombros largos, era apenas um pseudônimo ou apelido – a palavra grega *platys*, da qual se originou, é a mesma que deu origem a “platéia” e “praça”, que significam “espaços largos”.

Nascido em Atenas (427 a.C.?), filho de Perectione e Aríston, de família aristocrática, foi educado durante a guerra do Peloponeso, desenvolvendo certa propensão militarista; esse, no entanto, não era seu destino.

Aos 20 anos de idade tornou-se discípulo de Sócrates, que foi condenado à morte por não adorar os deuses e corromper a mocidade. Com sua morte, Platão deixou Atenas e fez inúmeras viagens, as quais contribuíram na ampliação de seus conhecimentos, agregando diversas culturas.

Em Megara, conheceu Euclides e sua escola (uma das escolas *Socráticas*); no Egito, pôde entrar em contato com a organização política, sociedade (superstição) × mito

(religião). Na Itália, conheceu Arquitas, um filósofo filiado à doutrina de Pitágoras que governava Tarento. Em Siracusa, conheceu também um governante tirano chamado Dionísio, que tinha um cunhado com pretensão a filósofo, Dion.

Platão sempre se interessou por política, tendo como resultado de seu interesse sua obra mais famosa: *A República*. Embora tenha tentado ajudar Dionísio a governar com sabedoria, esse não entendeu suas intenções e assustou-se com algumas de suas idéias revolucionárias; por isso, o vendeu como escravo. Platão só conseguiu regressar a Atenas com a ajuda de Arquitas, que pagou seu resgate. Ele

ambicionava ver um Estado onde um Sócrates, em vez de ser assassinado, fosse proclamado rei. (THOMAS, 1987, p. 109)

Embora tivesse sofrido nas mãos de Dionísio a mesma incompreensão que Sócrates sofrera, Platão não conseguia entender a condenação do mestre, que só fazia o bem, levando o homem a pensar.

Platão fundou a academia filosófica em Atenas 387 a.C., e ali pôde ensinar e filosofar sobre política, o homem, a morte e Deus, entre outros assuntos. Faleceu em 347 a.C.(?) durante o casamento de um amigo, ao redor dos 80 anos de idade. Deixou a vida para entrar na história por meio de suas grandes obras.

## **A OBRA DE PLATÃO**

Sua obra é composta por diálogos, salvo a *Apologia de Sócrates* e as *Cartas*, que falam de diversos assuntos, entre eles ética, política, o homem e Deus. Podemos dividi-la em quatro fases.

A primeira é chamada socrática por apresentar caráter ético marcante e por sofrer uma forte influência de seu mestre Sócrates. Uma dessas obras fala sobre sua morte: a *Apologia de Sócrates*. Há também *Críton*, *Eutífron*, *Cármides*, *Laques*, *Lísis*, *Íon*, *Górgias*, *Hípias Maior* e *Hípias Menor*.

A segunda é chamada platônica pelo desenvolvimento de sua doutrina e a forte marca de seus pensamentos. Um exemplo marcante disso é sua obra mais famosa, *A República*, na qual Platão expressa sua sede de justiça e seu interesse pela política. As outras são *Fédon* (sobre a imortalidade da alma), *Mênon* (sobre a virtude), *Banquete* ou *Simposium* (a respeito do amor), *Fedro* (sobre a beleza), *Menexenos* e *Eutidemo*.

A terceira é uma construção crítica de seus pensamentos. *Protágoras* (os sofistas), *Teeteto*, *Político*, *Parmênides* e *Crátilo* fazem parte dessa fase. A última fase é marcada por uma forte influência pitagórica, com várias considerações sobre o cosmo. Fazem parte dessa fase: *Filebo*, *Leis*, *Timeu* e *Critias*.

## INTERTEXTUALIDADE

... um discurso não vem ao mundo em uma inocente solicitude, mas constrói-se através de um já dito em relação ao qual toma posição.  
(MAINGUENEAU, apud KOCH, 1998, p. 47)

A produção de um texto está vinculada a um agente produtor. Esse agente produtor é um indivíduo que possui uma “bagagem cultural”, ou seja, já entrou em contato com diversos textos antes de construir o seu próprio e foi assim que ampliou sua linha de pensamento a respeito de diversos assuntos: “somos o que lemos”. Por isso podemos afirmar que todo o texto é um intertexto que resulta das várias leituras prévias do autor – nesse caso, a intertextualidade está implícita.

A intertextualidade explícita é aquela em que a fonte é citada no texto ou quando o texto se “comunica” com outro de maneira explícita (claramente visível).

— qualquer texto se constrói como um mosaico de citações e é a absorção e transformação de um outro texto. (KRISTEVA, 1974, p. 60)

A intratextualidade é a “comunicação” de um texto com outros de um mesmo autor servindo de referência, base ou suporte para outras afirmações. Já a intertextualidade é a relação de um texto com outros textos de autores diferentes (um diálogo entre textos). Cada acontecimento faz parte de uma rede de comunicação a qual não é consecutiva nem linear. Os fatos não sucedem organizados, por isso utilizamos nosso conhecimento de mundo, nossas experiências de vida, nossa “bagagem cultural” como elemento de extrema importância para análises e interpretações, “como uma nova maneira de ler o mundo”.

O provérbio popular pode ser considerado um intertexto cultural do qual a sociedade se utiliza como uma verdade estabelecida (cristalizada). Um intertexto cultural é a relação de um texto de uma sociedade com o de outra sociedade, por exemplo: cada grupo social possui seus próprios provérbios de acordo com sua maneira de ver o mundo, por isso muitos provérbios perdem seu sentido com a tradução. Um exemplo é o caso do provérbio popular “*Dog does not eat dog*” (cachorro não come cachorro), que não faz sentido para nossa cultura; por isso, se quiséssemos manter o sentido, não poderíamos traduzir “ao pé da letra”: nesse caso usaríamos um equivalente, como “Lobo não come lobo”.

A partir dessa análise, observamos que cada cultura vê o mundo com um olhar coletivo “do grupo”. O significante “cachorro” não nos trouxe nenhum significado, já o significante “lobo” trouxe a significância de que precisávamos e, com isso, a essência do

provérbio. Não podemos afirmar que o termo “cachorro” ou o termo “lobo” seja o correto; por ser um intertexto (dois textos de culturas diferentes dialogando), notamos que um é adequado a uma cultura e inadequado a outra; a sociedade é que vai determinar seus fatores culturais e é por meio de sua visão “coletiva”, sua visão de mundo, que caberá a adequação.

Arrojo (1997), em *Teoria da tradução*, também diz que um texto permite várias leituras, que serão produto de nossa “bagagem cultural”. Somos frutos de nosso meio social (época, história, cultura) e de vários estímulos recebidos em diferentes aspectos, englobando nosso conhecimento e ampliando nossa visão de mundo.

Podemos escrever e reescrever nossa história de várias maneiras, de forma que o passado dialogue com o presente e o presente dialogue com um suposto futuro; e isso é nossa “máquina do tempo”, que nos faz viajar para várias dimensões estando em um mesmo contexto, mas nos comunicando com diferentes textos.

Segundo Sant’Anna (1998), a paráfrase é considerada um “desvio mínimo”; a estilização, “desvio tolerável”; e a paródia, “desvio total”. Ele também faz considerações sobre a intertextualidade da diferença composta pela paródia “um contra-estilo” e pela apropriação “uma posse indevida”, além de abordar a intertextualidade da semelhança composta pela paráfrase, paródia e estilização, que é considerada “um termo mediano” comparada ao “contra-estilo” da paródia e ao “pró-estilo” da paráfrase.

Na intertextualidade, é muito importante o estudo de referências e interferências. Por isso a relação entre época e texto, além do estudo bibliográfico do autor, é fator de alta relevância para a atribuição de sentidos. O compartilhamento de idéias é um fator primordial para a evolução do ser e principalmente da sociedade.

Desde o fim da Antiguidade - quando não eram mais tomados ao pé da letra por nenhuma pessoa culta – os deuses e seus mitos foram transmitidos à Renascença e ao século XVII, pelas obras, pelas criações literárias e artísticas. (ELIADE, 1972, p.137)

A partir desse momento, os mitos começaram a dialogar com o mundo através da intertextualidade que a literatura e a arte propagou.

### **MITO GREGO × FILOSOFIA**

A filosofia se renova por meio do progresso científico e permanece contra a imaginação e a mítica. Ao mesmo tempo que o filósofo grego aceitava o essencial do pensamento mítico, sua filosofia rigorosa e sistemática o desmistificava.

Eis o papel da filosofia: a transposição dos velhos mitos. Essa transposição não significa uma evolução no sentido de um progresso, mas somente a elaboração do conteúdo mítico dado, segundo o modo de demonstração do momento, buscando sempre as formas de uma época. (POLITZER, 1978, p. 110)

O mito da caverna é um mito grego criado pela própria filosofia. Platão dizia que a terra era uma caverna profunda na qual estamos acorrentados sem poder enxergar, e o que vemos são sombras da realidade, por isso não conseguimos distinguir o real do irreal, a luz (da razão) não consegue atravessar a caverna e a terra seria somente uma imagem imperfeita do céu.

... as primeiras especulações filosóficas derivam das mitologias. (ELIADE, 1972, p. 101)

Como se observa na afirmação de Eliade, não podemos distinguir o mito grego da filosofia, ambos se confundem e se entrelaçam. Entretanto, o mito grego continua a existir sem a filosofia, mas será que podemos falar em filosofia sem falar em mitologia?

A importância do mito para a sociedade grega está em suas esculturas, templos e até mesmo em sua filosofia. Platão considerou essa cultura mitológica imprópria para aqueles que tinham boa educação; entretanto, utilizou mitos para filosofar, tornando-se um grande semeador deles.

### **PLATÃO, MAIS QUE UM FILÓSOFO: “UM SEMEADOR DE MITOS”**

A filosofia de Platão parte do pensamento socrático. O discurso e a argumentação vão ao encontro do conhecimento, tendo como base conjecturas e crenças (mito), e desenvolve também o conhecimento racional (matemática e geometria). Porém, é a idéia do bem que envolve seus pensamentos.

Platônico é tudo que tem caráter ideal, transfiguração ou estilização da realidade; por isso, o sentimento que não espera nada em troca, o amor único e puro sem qualquer contato carnal e silencioso, chama-se platônico.

Platão contribuiu com a questão da linguagem por meio dos sofistas personificados em vários de seus escritos; o não-ser será visto como alteridade, constituindo-se sempre como *outro*, e assim o discurso ocupa um papel de destaque.

A ética era primordial para Platão, que se interessava pelo amplo conhecimento. Suas idéias eram apresentadas metaforicamente, e toda a meditação filosófica direcionada ao conhecimento do bem. A política não era somente mais um de seus diversos interesses, era muito mais que isso. O filósofo era o único sábio capaz de dirigir o Estado, promover a igualdade, suprir as famílias e a sociedade com educação e justiça. O indivíduo seria

preparado desde pequeno para o lugar que ocuparia na sociedade, como podemos notar em um de seus diálogos: *A República*.

Anteriormente, pudemos verificar o mito como reflexo da sociedade. Platão nasceu e viveu em uma época em que o mito fazia parte da realidade de um povo e, por mais que quisesse erradicar esse pensamento mítico da sociedade, ele também era fruto dessa estrutura e, como parte, também foi influenciado.

Arrojo (1997) nos demonstra com clareza como o meio em que vivemos pode influenciar em nossas obras. O filósofo, mesmo renegando o mito, não deixou de o produzir, o recriou de várias maneiras em seus escritos, tornando-os perceptíveis ou não, contestáveis ou reais na crença de muitos.

Platão utilizou-se da melhor forma de propagar sua filosofia na sociedade na qual filosofava. Seus pensamentos não poderiam ser transmitidos tão eficazmente como o mito o fez.

Cada época produz seus mitos; uns são desmistificados com o tempo, outros perduram como expressão da cultura de um povo, como a Medusa, na Grécia, e o deus Sol, no Egito. Porém, existem mitos que continuam nutrindo a pergunta “mito ou realidade?”. Os mitos sobre a construção do mundo e o destino da alma são alguns deles.

## **O MITO DO COSMO: “A CONSTRUÇÃO DO MUNDO E A ORIGEM DA ALMA”**

A construção do mundo abordada em *Timeu* é repleta de temas pitagóricos; por isso, desde a antiguidade, Diógenes Laércio contava que Platão aproveitou uma viagem ao Egito para comprar escritos de Pitágoras e depois plagiá-lo no *Timeu*.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Naquela época, a intertextualidade já era confundida com plágio.

O tempo era uma eternidade e as idéias eram eternas. O mundo foi feito a partir do Demiurgo originando o mundo das idéias. Esse mundo possuía uma alma que, colocada em seu centro, se estendia por todo seu corpo, atravessando-o. Deus criou quatro espécies de seres: a espécie celeste dos deuses moldada no fogo, que seguem suas próprias regras, e, a seu lado, os deuses das lendas; a espécie alada, que circula nos ares, é constituída por pássaros; na água, encontramos os peixes; e na terra, os homens.

Platão interpretou as almas em *Fedro* como carros celestes. O carro das almas divinas tem cavalos robustos e obedientes. O carro das almas humanas tem dois cavalos, um obediente e o outro rebelde, difícil de se conduzir. Essas almas seguem o cortejo de Zeus se esforçando para acompanhá-lo; as almas que não conseguem ver as realidades verdadeiras perdem as asas e caem na terra, no corpo de um homem.

A alma do homem é algo divino, uma parte do todo, mas não é simples. A primeira parte é a da concupiscência, dependendo dos apetites inferiores (fome, sede, desejo sexual). Seu princípio é a falta de razão, e sua virtude é a temperança. O coração é a segunda parte, é dele que surgem as paixões (seu princípio é a cólera e sua virtude, a coragem); o espírito é a única parte da alma que é imortal (seu princípio é a razão e sua virtude é a prudência).

## **O DESTINO DA ALMA SEGUNDO PLATÃO E O ESPIRITISMO**

Os mitos da alma e da construção do mundo são uns dos mais tratados, por estarem diretamente ligados à identidade do homem. Sua origem e seu destino após a morte são abordados de diferentes maneiras, que se assemelham e se diferenciam dos conceitos de Platão. Depois de Cristo, muitas religiões criaram seus próprios mitos.

Em *Fédon*, é abordado o mito sobre o destino das almas. Os bons deveriam ser recompensados e os maus pagariam suas faltas. Sócrates e Platão são considerados precursores do espiritismo. A doutrina espírita prega o mesmo que Platão, porém em diferentes aspectos.

Segundo Platão, a terra é dividida em três partes. Mediana é a parte em que vivemos, onde reina a doença e a corrupção. O espiritismo também prega que estamos na Terra para expiar nossos pecados, apesar de também ter um lugar em que, dependendo de nossas faltas, iremos residir quando morrermos, uma espécie de purgatório no céu, chamado de “umbral”.

A parte superior é o paraíso onde tudo é mais belo; podemos considerar o mesmo da doutrina espírita. E a parte inferior é o lugar onde acontecem os julgamentos. Aqueles que cometeram pecados imperdoáveis nunca mais sairão de lá. Podemos chamar esse lugar de “inferno”, um lugar onde as almas condenadas sofrerão por toda a eternidade.

Contrários a um julgamento radical como esse, os espíritas acreditam que nada é imperdoável, porque se o arrependimento for verdadeiro o espírito sofredor sairá do “umbral” (lugar onde estava expiando seus pecados) para continuar expiando-os na Terra. Com a reencarnação, receberá uma nova chance de redenção das culpas.<sup>6</sup>

Na medida em que a alma, no decurso de vida, contemplou e se apropriou mais ou menos das eternas idéias e verdades, alcançará nas suas futuras encarnações um grau mais elevado ou baixo de vida. (HIRSCHBERGER, 1957, p. 111)

O mito do Er é a história de um homem que foi morto no campo de batalha e, antes de ser enterrado, voltou à vida para contar o que acontece depois da morte. Existe um julgamento para as almas justas irem para o céu e as pecadoras expiarem seus pecados;

---

<sup>6</sup>“Punição temporária de acordo com a culpa e recompensa graduada segundo o mérito”. KARDEC, 1995, p. 51.

depois da expiação dos pecados, a alma escolhe que vida quer ter na Terra, se responsabilizando por suas escolhas, sem poder voltar atrás e se arrepender.

A mitologia de substituição de Platão destacaria o quanto os deuses são responsáveis por tudo que é bom no mundo, mas por nenhuma parte do mal (379c).... (DOWDEN, 1994, p. 69)

A escolha do tipo de vida que a alma vai ter durante a reencarnação é feita por meio de pacotes, ou seja, a alma que escolheu ser um tirano teve de comer os próprios filhos. Mesmo com o arrependimento, nenhuma parte pode ser retirada do pacote.

A doutrina espírita explica que quando morremos e não cumprimos nossa missão na Terra, nossa alma fica no “umbral” até que se sinta sinceramente arrependida; só então podemos escolher como iremos reencarnar, nos responsabilizando pelas escolhas. Porém, o livre-arbítrio permanece quando encarnamos; podemos mudar nossos destinos tanto para seguir o mal quanto para seguir o bem. Ninguém é predestinado a fazer o mal.

O regresso à superfície da terra só será feito depois que a alma beber a água do rio para se esquecer de tudo; por isso, Platão considerava o aprender um recordar. A doutrina espírita também prega o esquecimento das vidas passadas para que não interfiram nas escolhas futuras durante a reencarnação.

Segundo Eliade (1972), em *Mito e realidade*, Pitágoras, Empédocles e outros afirmavam poder recordar-se de suas existências anteriores. Platão, em *Ménon*, dá voz a Sócrates, que diz que a virtude é uma dádiva dos deuses e a tarefa do filósofo é encontrar em nós as reminiscências de um saber esquecido.

Sócrates compara a profissão de parteira com a arte de fazer os espíritos parirem a verdade que está dentro deles, a verdade que não esqueceram, mas que se esquecem de recordar<sup>7</sup>.

Muitos poetas acreditaram na imortalidade da alma, como podemos notar na *Divina comédia*, de Dante Alighieri (Purgatório, XXV) e em *Paraíso perdido*, (Guerra dos Anjos).

## UM MISTÉRIO CHAMADO ATLÂNTIDA

... Em apenas um dia e uma noite de infortúnio, a ilha de Atlântida desapareceu nas profundezas do mar....  
PLATÃO (360 a.C.)

Segundo Platão, a Atlântida estava localizada além das Colunas de Hércules (Estreito de Gibraltar), e seria maior que a Líbia e a África juntas. Quando os deuses fizeram a partilha do mundo, a Atlântida passou a pertencer a Poseidon, que dividiu a região em dez partes. Cada filho recebeu uma parte, e passaram a obedecer ao irmão mais velho, Atlas.

Os atlantes exploraram diversas riquezas, como ferro, ouro e cobre, e alcançaram o progresso, mas fracassaram na tentativa de dominar os atenienses.

Eles caíram na indecência – ficaram feios – e o deus dos deuses Zeus, que reina pelas leis, compreendeu quais disposições miseráveis tomava esta raça, de um caráter primitivo tão excelente. Quis lhe aplicar um castigo a fim de fazê-la refletir e levá-la a mais moderação” (PLATÃO, in *Critias*)

---

<sup>7</sup>Conforme a doutrina de todos os filósofos gregos, todo homem tem como guia um demônio particular – *Daimon* (um espírito). Sócrates tinha um demônio, um espírito familiar que o acompanhava.

A catástrofe da Atlântida é explicada por Platão como um castigo que o homem sofreu por não ter se comportado como deveria. O dilúvio na Bíblia também foi causado principalmente pelo mau comportamento do homem. Segundo a maioria das religiões, os infortúnios do homem estão diretamente ligados a uma falta com Deus. Estamos convertendo a realidade em mito ou o mito em realidade?

## MITO × REALIDADE

*... Platão reconhece ainda um lugar para o mito, tanto no interior de seu sistema educacional quanto – em um novo desenvolvimento – como uma forma de apresentação de idéias em suas próprias obras literárias.*  
(DOWDEN, 1994, p. 70)

A existência da Atlântida continua sendo questionada. Foram poucos os episódios em *Critias* ou em *Timeo* que indicavam sua existência. Muitas teorias foram criadas, como a teoria de uma erupção vulcânica, que sepultou Thera há 3.500 anos – e a Atlântida era parte dessa ilha (hoje Santorini), no mar Egeu, ao norte de Creta –, ou que ela estaria localizada próxima da ilha de Bimini, no arquipélago das Bermudas (teoria formulada em 1940, pelo físico Edgar Cayce).

Outras teorias afirmam que a Atlântida estaria localizada na Antártida, no deserto do Saara, no norte do México ou no mar do Sul, na China. Entretanto, muitos compartilham da opinião de Aristóteles de que a Atlântida seria apenas uma demonstração ideológica, ou seja, apenas um mito.

O mito é um disfarce da filosofia ou teologia, ocultando seus segredos profundos àqueles que não compreendem suas alegorias. (DOWDEN, 1994, p. 40)

O mito da Atlântida é um mito que se reproduz em diversos contextos, se confundindo com a realidade: a vida imita a arte, ou melhor, a arte é imitada pela vida.

## **INTERTEXTUALIDADE EM ATLÂNTIDA: “DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DE ARTE”**

O nome Atlântida foi usado em rádios, salas de bate-papo, festivais como o Planeta Atlântida – “o maior festival de música do sul do Brasil” –, revistas, inúmeros livros com propósitos científicos ou ficcionais e até mesmo como o nome de um parque no mar para milionários.

Na música, Rita Lee canta, em seu disco *Planeta Atlântida*, uma composição sua e de Roberto de Carvalho.<sup>8</sup> *Atlantis* faz parte da trilha sonora do desenho da Disney, *Atlantis The Lost Empire*, uma música de Alessandro Muscio.<sup>9</sup>

As produções cinematográficas são diversas, de filmes a desenhos. Os filmes *Atlantis, The Lost Continent* (1961), de George Pal, ou *Siren of Atlantis*, e o mais recente, *Hearts in Atlantis*, que, no Brasil, recebeu o nome de *Lembranças de um verão* (baseado nos dois primeiros contos do livro de Stephen King), são baseados antes de tudo no mito da Atlântida, que se renova a cada diálogo.

Às vezes, quando somos pequenos, temos momentos de tal alegria que achamos que estamos vivendo num lugar tão mágico como deve ter sido Atlântida... depois crescemos e os nossos corações se partem em dois.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Cf. Anexo I.

<sup>9</sup> Cf. Anexo II.

<sup>10</sup> Ted Brautigan, personagem protagonista do filme *Hearts in Atlantis*.

Com a versão do título do filme para o português, o enfoque mudou de “um mundo mágico como o de Atlântida deve ter sido” para “uma lembrança de um verão”.

A leitura de uma obra pode ser mudada a partir de seu ponto de partida? Ou seja, a mudança de ponto de vista ou foco do tema pode fazer que uma obra perca sua essência ou seria apenas uma “equivalência social e lingüística”, como a dos provérbios?

## **INTERTEXTUALIDADE OU PLÁGIO?**

O desenho de 2001 *Atlantis the Lost Empire*, da Disney, se passa em Washington no ano de 1914 e relata a história de um lingüista que se aventura a descobrir a Atlântida. O Leviatã é um dos mitos que dialoga com o texto (ele guarda a cidade de Atlântida); considerado no desenho como a serpente marinha descrita no livro de Jó, caracteriza outra criatura mitológica.

O segundo desenho da Disney em 2003, *Atlantis: Milo's Return*, dialoga com o primeiro desenho, caracterizando uma intratextualidade (um texto dialoga com outro texto de um mesmo autor). Milo, o protagonista, que foi deixado na cidade de Atlântida depois de salvá-la, volta para fazer uma expedição e é nessa expedição que um cristal da cidade é encontrado, trazendo duas opções: dividi-lo com o mundo ou apenas devolvê-lo para seu lugar no coração da Atlântida.

Na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma. (LAVOISIER)

O desenho da Disney de 2001 se assemelha muito à série japonesa *Nadia: The Secret of Blue Water*, produzido pela Gainax e lançada em 1990. Ambos foram baseados no clássico romance de Julio Verne, *Vinte mil léguas submarinas*, e na história da cidade perdida de Atlantis, popularizada por Edgar Cayce.<sup>11</sup>

Como mencionado anteriormente, na Antiguidade a intertextualidade de Platão em relação a temas pitagóricos foi confundida com plágio. Nos dias atuais, podemos notar a mesma confusão em relação ao desenho da Disney e à série japonesa.

Anteriormente, pudemos constatar a ilusão da originalidade, partimos do pressuposto de sermos fruto de nossas leituras, notamos que é essa comunicação entre textos denominada intertextualidade que vai formar nossa “bagagem cultural” e originar outros textos. Esses textos originados do chamado “original” são únicos, por isso originais também; por conseguinte, o que seria esse chamado “original”? Um texto puro talvez; poderíamos comparar esse texto “puro” com a raça “pura” que Hitler desejava, “uma raça perfeita”.<sup>12</sup> Então, o que pode ser considerado “puro”?

No século XVI, o Barroco utilizava o “maneirismo”, a “alusão” a certos autores, não como forma de plágio ou imitação, e sim como forma de inspiração na produção de suas obras, e isso era considerado comum e natural.

A Atlântida é uma fonte de intertextualidade que se comunica com diversos textos. O Espiritismo crê em sua existência, apesar de ser considerada um mito, abordando-a de uma perspectiva diferenciada, sob um novo olhar.

---

<sup>11</sup>Cf. Anexo III.

<sup>12</sup> Goebbels, de baixa estatura, mancava de uma perna; Goering era gordo; Hess era moreno; e Himmer usava óculos. Essa era a raça perfeita de Hitler.

## ATLÂNTIDA, SEGUNDO O ESPIRITISMO

A Capela era um planeta iluminado espiritualmente, porém havia espíritos rebeldes que o habitavam. Esses espíritos tinham necessidade de reencarnar em um planeta inferior. Por isso, foram exilados e reencarnaram na Terra, planeta direcionado a provas e expiações.

A maior parte dos espíritos referidos encarnou na Lemúria e uma parte no Ocidente, em um continente chamado Atlântida, e recebeu o nome de 3ª raça. Os habitantes da Lemúria abusaram de seu poder, ocasionando o afundamento da nação; alguns se salvaram, refugiando-se em outros continentes, e um desses continentes era Atlântida.

Com a continuação das encarnações nesse continente, a 4ª geração desenvolveu-se de forma admirável de norte a sul, grande parte da região hoje ocupada pelo oceano Atlântico.

O nome Atlântida origina-se do primeiro rei Atlas, o qual carrega o mundo nas costas, na mitologia grega. Os habitantes da Atlântida eram em sua maior parte vermelhos, adoravam o deus Poseidon e o sol. Os atlantes dominaram o mundo com seu saber e poder.

A capital da Atlântida era Poseidonis, e só no solo atlante existia um metal chamado oricalco, semelhante ao ouro, com o qual construíram suas casas, templos e as estátuas de seus reis e deuses. Os atlantes foram submissos aos deuses apenas por algum tempo; adquirindo poder, se tornaram ambiciosos. Discórdia, violência e corrupção fizeram que o continente submergisse; em seu lugar ficou uma ilha maior chamada Pequena Atlântida e outras, como Cabo Verde.

Povos centro-americanos e orientais escreveram vários documentos sobre os homens que pereceram em Atlântida e outros milhares que se salvaram, refugiando-se

na América (os astecas, os maias, os toltecas); na África (os ascendentes dos fenícios, hebreus, etc) na Europa (os ascendentes dos gauleses, celtas, etc). (ARMOND, 1996, p. 16)

A existência da Atlântida é atestada em desenhos, símbolos gravados em pedras, hieróglifos, monumentos, fábulas e lendas que se referiam aos mesmos costumes e acontecimentos. Além de documentos, “na América Central o Códice, Troanos, O Popul Vu da Guatemala e o Chialam Balam do México” (ARMOND, 1996, p. 16), todas essas lendas falam de um grande país chamado Astlan e de uma grande inundação que o destruiu.

Afirmam também que os atlantes transmitiram seus conhecimentos para outros povos, como os egípcios na construção das pirâmides.

De acordo com Armond, o dilúvio de Noé, conhecido como dilúvio asiático, foi resultado do rompimento do istmo de Gibraltar e, segundo cálculos feitos, esse dilúvio teve lugar em 7.500 a.C., mesmo que a Bíblia diga que sua data foi 3.852 a.C., e corresponde ao segundo afundamento da Atlântida.

## CONCLUSÃO

*A cultura é uma herança transmitida de uma geração para outra.*  
(Cf. CLAVAL, 1999, p. 63)

A mitologia é a personificação dessa herança cultural, ela não pertence a um tempo ou espaço definido, somente à história.

Por meio dos mitos, o passado dialoga com o presente e avança em direção ao futuro. Todavia, analisando o mito e reconhecendo suas características sociais, culturais e temporais,

a sociedade que o criou se materializará diante de nossos olhos, com suas crenças e pensamentos.

“Cada cultura estabeleceu códigos que lhe são próprios”, conforme Claval (p 1999, p. 66). Por isso, a partir do mito, poderemos identificar os códigos dessa cultura, pois é nele que se encontram seus valores sociais.

Na Grécia, isso se evidencia mais nitidamente em razão de a mitologia ter exercido forte influência nessa civilização. Porém, outras sociedades criaram seus mitos como um “espaço cultural” que reflete o mundo.

Em Portugal, podemos analisar o mito sebástico a respeito da volta de D. Sebastião ao reinado. A visualização desse mito evidencia Portugal do século XVI, um país desesperançoso com a morte de D. Sebastião em 1578 e com o domínio espanhol dois anos depois. A volta de D. Sebastião acenderia a esperança de uma salvação, simbolizando a recuperação do passado de Portugal (livre e soberano).

... os mitos... fornecem uma explicação do mundo e da própria maneira de estar no mundo. (ELIADE, 1963, p.19)

“Essa maneira de estar no mundo” fez que Platão, um filósofo grego, mesmo renegando o mito, o reproduzisse abundantemente em sua obra. Como semente de uma sociedade mítica, ele germinou e multiplicou-se de tal forma que a pergunta continua a existir: mito ou realidade?

Em razão da intertextualidade, o mito da Atlântida abordado neste trabalho se apresenta em diversos tipos de abordagem, sendo considerado mito e realidade em diferentes textos. Uma dessas abordagens é a do Espiritismo, que considera Platão um de seus precursores e acredita que Atlântida não é mito, é realidade.

A Atlântida pode ser somente um mito, porém esse mito participa de um movimento cultural correspondendo à necessidade humana de ter um continente perdido; a humanidade precisa da Atlântida para provar que a evolução e o crescimento do homem não podem ser longe dos olhos de Deus, a semente do mal não perpetuará nos corações humanos e a desobediência do homem para com Deus o afundará.

A partir dessas considerações, concluímos que o mito é fruto do homem e reflexo de uma sociedade que se materializa em forma mitológica; assim, não importa se mito ou realidade, pois não deixará de ser a identidade de uma sociedade que permanece viva através desse processo constitutivo da identidade.

## REFERÊNCIAS

ARMOND, E. *Iniciação espírita*. 16. ed. São Paulo: Aliança, 1996.

ARROJO, R. *Oficina de tradução*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BERLITZ, C. *Atlântida o oitavo continente*. Tradução de Newton Goldman. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. *O mistério da Atlântida*. Tradução de Vera Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

BERMEJO, J. *Introducción a la sociología del mito griego*. Madrid: Akal Editor, 1979.

BRUN, J. *Platón*. Tradução de Filipe Jarro. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1985. (Coleção Mestres do Passado, n. 10).

\_\_\_\_\_. *Platón y La Academia*. 5.ed. Tradução de Alfredo Lhanos. Buenos Aires: Universia, 1981.

CAMP, L. Sprangue de. *A Atlântida na história, na ciência e na literatura*. Tradução de Maria Emília Ferros Moura. Lisboa: Livros do Brasil. (Coleção Vida e Cultura).

CLAVAL, P. *A geografia cultural*. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Áfeche Pimenta. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

CRESCENZO, L. *História da filosofia grega, a partir de Sócrates*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Editorial Presença, 1988.

- CRIPPA, A. *Mito e cultura*. São Paulo: Convívio, 1975.
- DOWDEN, K. *Os usos da mitologia grega*. Tradução de Cid Knipel Moreira. Campinas: Papirus, 1994.
- ELIADE, M. *Aspectos do mito*. Tradução de Manuela Torres. Lisboa: Edições 70, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Mito e realidade*. Tradução de Póla Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Coleção Debates).
- ELIAS, N. *O processo civilizador*. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. v.1.
- GUIMARÃES ROCHA, E. P. *O que é mito?* São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).
- HIRSCHBERGER, J. *História da filosofia na Antigüidade*. 2. ed. Tradução de Alexandre Correia. São Paulo: Herder, 1957.
- IZPIGUA, L. D. *VII Encuentro de escritores y críticos de las letras españolas*. Madrid: Cátedra. (Coleção Encontros).
- KARDEC, A. *A gênese*. 17.ed. São Paulo: Lake, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O céu e o inferno*. 7.ed. São Paulo: Lake, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 194.ed. Tradução de Salvador Gentile. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1978.
- KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. (Coleção Caminhos da Lingüística).
- LARAIA, R. B. *Cultura*. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- Nadia VS Atlantis*. <http://www.thesecretofbluewater.com/atlantis-i.htm>. Acesso em 7 out. 2004.
- NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.135.
- POLITZER, G. *A filosofia e os mitos*. Tradução de Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Perspectivas do Homem).
- ROBLES, De Sainz. *Grandes figuras de la humanidad*. 2.ed. Barcelona: Ediciones Danae, 1972.
- SANT'ANNA, A. R. *Paródia, paráfrase & Cia*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1998. (Série Princípios).

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

STRENGER, I. *História da filosofia*. São Paulo: São Paulo, 1998.

THOMAS, H. *A história da raça humana*. 10.ed. Tradução de Gilberto Miranda. São Paulo: Globo, 1987.

VERNANT, J. P. *Mito e pensamento entre os gregos*. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo: Edusp, 1973.

VERNE, J. *Vinte mil léguas submarinas*. Tradução de Lauro S. Blandy. São Paulo: Hemus, 1978.

## ANEXOS

### ANEXO I - Atlântida

Atlântida

Reino perdido

De ouro e prata

Misteriosa cidade

Atlântida

Terra prometida

Dos semideuses

Das sereias douradas

Eu sou o pescador que parte toda manhã

Em busca do tesouro perdido no fundo do mar

Desde o Oiapoque

Até Nova York se sabe

Que o mundo é dos que sonham

Que toda lenda é pura verdade

Glub, glub, chuá, chuá

Glub, glub, chuá.

**ANEXO II - Atlantis**

Astral glance's kissing jade sea

Gate of wisdoms lost in unfathomed deep

Haunted waters maids of the ancient gods

Crying for their glorious blood

“Raise your hands, surround your soul to see places you're never seen!”

Children of sun

Kingdom of stars

Ages of power still rise in your heart

Lords of the sea

Victims of pride in my dreams your tower still shine on... Atlantis!

Dream like visions of free mermaids and dolphins

Dancing at the charming tunes of the abyss

Ancient guardians from the dawn 'till the end of time

Where the sunlight can't touch your virgin heart

“Raise your hands, surround your soul to see places you're never seen!”

Children of sun

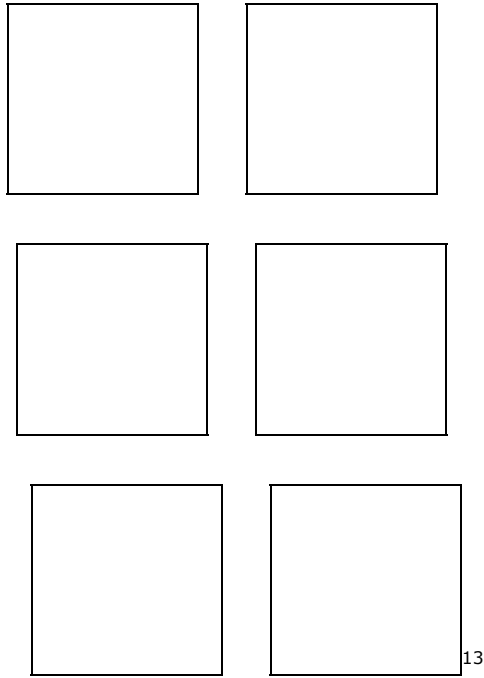
Kingdom of stars

Ages of power still rise in your heart

Lords of the sea

Victims of pride in my dreams your tower still shine on... Atlantis

“The Darkness shadowed the sky and the storming waves became blood-red until  
the weapon shattered the Hearth and the Empire sank in its grave...”

**ANEXO III**

---

<sup>13</sup> *Nadia VS Atlantis* <<http://www.thesecretofbluewater.com/atlantis-i.htm>>. Acesso em 7/10/2004.